

LOUCURAS DE CARNAVAL

A saúde mental carioca veste suas melhores fantasias nos dias que antecedem o carnaval. É o período em que os blocos da RAPS realizam seus desfiles, ponto alto de um processo de construção que se faz ao longo do ano e envolve intercâmbios artísticos e culturais nos espaços da cidade, como oficinas, rodas de samba, ensaios musicais e apresentações. Uma potente mistura que se dá entre usuários, familiares, profissionais e a comunidade ampliada, e faz dessas experiências uma das marcas registradas da nossa Atenção Psicossocial.

Tal tradição começou em 2001, quando se organizou o desfile inaugural do Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana como parte do processo de desconstrução do modelo asilar do Instituto Municipal Nise da Silveira. Desde então, seus desfiles convocam a uma integração comunitária que ajuda a transformar o preconceito contra a loucura em admiração, conferindo mais visibilidade não só ao projeto e sua bandeira, como também ao próprio bairro do Engenho de Dentro, ao abrir as alas do seu carnaval de rua ao som da bateria A Insandecida e amigos.



Bloco Loucura Suburbana

No final de 2004, nasceu o Coletivo Carnavalesco Tá Pirando, Pirado, Pirou!, fruto da parceria entre o Instituto Municipal Phillippe Pinel, o Instituto de Psiquiatria da UFRJ e a Associação de Moradores da Lauro Muller e Adjacências (ALMA), o que facilitou sua circulação por um território que contém uma etapa marcante da história da saúde mental brasileira. É bastante significativo que a Avenida Pasteur, endereço do primeiro hospício da América Latina fundado por D. Pedro II em 1852, seja o local escolhido pelo coletivo para desfilar sua festa de carnaval, provocando um deslocamento de sentido que se atualiza a cada desfile: o local em que os loucos eram confinados no passado se transforma no local onde eles produzem e desfilam sua arte, sua potência e sua luta por uma sociedade sem manicômios.

Ao longo dos anos, tanto o "Loucura" quanto o "Tá Pirando" (como carinhosamente são identificados pelos seus integrantes e foliões) ampliaram sua projeção na cidade, no país e até no mundo, servindo de inspiração para matérias jornalísticas nacionais e internacionais e conquistando premiações. Além disso, assumiram a função de multiplicadores culturais ao se unirem à Rede Carioca de Pontos de Cultura, gerida pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro em articulação direta com o programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura. Em 2010, o Loucura Suburbana tornou-se o primeiro Ponto de Cultura em saúde mental da cidade, batizado de "Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia". No edital seguinte, em 2014, foi a vez de surgir o "Ponto de Cultura Tá Pirando, Pirado, Pirou! Folia, Arte e Cidadania". Cada qual em seu território assumiu o compromisso de desenvolver



Bloco Zona Mental

ações que buscam incorporar a cultura aos dispositivos de saúde mental, bem como a população ao criativo e inovador mundo da loucura.

Nesse meio tempo, o movimento de organizar blocos de carnaval que reúnem usuários, trabalhadores e moradores também chegou ao território da Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá. No final de 2011, a equipe do Polo Experimental do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea/IMASJM (então denominado Centro de Convivência Pedra Branca) iniciou essa discussão junto aos participantes da oficina de percussão do dispositivo. Os centros de atenção psicossocial da AP 4.0 e a comunidade foram convidados a participar dessa construção, visando uma maior integração entre as pessoas que circulam pela Colônia e arredores por meio de uma festividade construída por todos, a começar pela escolha do nome do bloco: Império Colonial. O primeiro cortejo se deu em 2012 e, desde então, o bloco é uma referência para essa população, tanto pelo trabalho da oficina de percussão e pelos ensaios da bateria ao longo do ano, quanto pelos cortejos, cujas cores e batucques atraem pessoas de todas as idades, especialmente as crianças.

Em 2015, esse movimento se espalhou para outras regiões da zona oeste da cidade, dando vida ao Bloco Zona Mental. A iniciativa surgiu do coletivo da RAPS Zona Oeste, mobilizando dispositivos de saúde mental das APs 5.1, 5.2 e 5.3 e possibilitando a realização de oficinas abertas de fantasias, estandartes e bonecos.

O bloco fez sua estreia em fevereiro daquele ano, desfilando em torno da Praça Guilherme da Silveira, em Bangu. Não tendo sido possível organizar um desfile em 2016, a retomada do bloco se deu a partir dos encontros do Fórum de Geração de Renda e Cultura da Zona Oeste, espaço aberto de discussão onde profissionais envolvidos nessas frentes de trabalho trocam impressões, experiências e traçam estratégias conjuntas de ação. Novos parceiros se uniram a essa construção, como o IFRJ, a URS Realengo e o Consultório na Rua, além do CAPS Neusa Santos Souza, inaugurado em julho de 2016. Novos e antigos atores se uniram e formaram uma comissão organizadora, que se reúne quinzenalmente. A partir do carnaval de 2017, o Bloco Zona Mental passa a fazer parte oficialmente do circuito de blocos de carnaval do Rio de Janeiro, cadastrados pela Riotur, assim como o Loucura Suburbana e o Tá Pirando, Pirado, Pirou!.

Outros blocos de carnaval foram então surgindo a partir dos centros de atenção psicossocial. “Socorro, Maria pirou” foi criado por iniciativa dos usuários do território da Rocinha. Enquanto a comunidade comemorava a subida da escola de samba Acadêmicos da Rocinha para o Grupo A, em 2013, usuários e familiares passaram a batucar e cantarolar seus desejos de fazer um carnaval para além das paredes do complexo de saúde no qual o CAPS Maria do Socorro Santos está inserido. Em consonância com o desejo dos profissionais do serviço, resolveram externar essa alegria sob a forma de um cortejo e, assim, colocaram o bloco na rua pela primeira vez em 2014.



Foto: Pamela Perez

Bloco Tá Pirando, Pirado, Pirou!



Bloco Se Pirar, a gente cuida

No território do Complexo do Alemão, carnaval também é assunto muito presente para a comunidade do CAPS João Ferreira da Silva Filho. Do encontro entre o potencial criativo de um usuário do serviço e o seu reconhecimento por parte da equipe, surgiu a ideia de organizar um bloco que foi batizado de “Se Pirar, a gente cuida”, pelo próprio usuário em questão, Domingos Costa dos Santos. Com o suporte da oficina do Pagode na Varanda e do grupo de musicoterapia do serviço, o bloco ganhou vida no carnaval de 2017. Sempre com sambas da autoria de Domingos, o bloco realiza um cortejo ao redor do quarteirão do CAPS, contando com o apoio de comerciantes locais e de ritmistas de outros blocos da região, como o Cigana Feiticeira e o Bicho Comeu. Assim, um território que está muito associado à violência, à miséria e ao descaso, também tem vivido uma experiência de efetiva e produtiva articulação comunitária. Para o cortejo de 2019, outras instituições se aproximaram e desenvolveram oficinas preparatórias em parceria com o João Ferreira, como os CAPS Fernando Diniz, Torquato Neto e CAPS AD Miriam Makeba, além do SESC de Ramos.

Apesar da diversidade de blocos da rede, com tamanhos, percursos e cenários diferentes de trabalho, podemos perceber interseções entre as experiências. Um dos principais efeitos para os usuários e

familiares é a possibilidade de um novo lugar social, fortalecido pelo acesso aos bens culturais, pelo exercício de um fazer criativo e por uma circulação diferente na cidade. Muitos deles têm uma identificação particular com a temática do carnaval, e a participação em um bloco muitas vezes possibilita o resgate de uma identidade familiar e/ou de um vínculo com algum lugar do território, favorecendo o sentido de pertencimento e de cidadania. Além disso, a confraternização vivida entre usuários, familiares e técnicos tem sido bastante positiva para sua convivência dentro e fora dos serviços. São encontros possíveis que refinam a relação assistencial, conectando a humanidade e a afetividade; o brincar junto por meio da linguagem da arte e da alegria, que ajuda a aliviar as durezas e oxigenar os desafios dos ambientes institucionais.

Em 2019, ano que marca a maioria do primeiro bloco da saúde mental, celebremos também a linguagem estratégica do carnaval, ao colocar a cultura popular brasileira a serviço da desconstrução de estigmas, ao permitir levantar bandeiras com o auxílio do humor e da irreverência tão características, ao temperar cotidianos com mais leveza e esperança. E a “mágica” se completa no momento do desfile: na hora de pular carnaval, não existe distinção. Não tem usuário, familiar, profissional... Tem folião, tem cidadão. Todo mundo pula junto e todo mundo é igual no direito de ser quem se é.



Bloco Império Colonial

Participação dos profissionais da RAPS no Módulo de Infância e Adolescência

A partir do dia 14 de março, 20 profissionais da RAPS do município participarão, junto com os residentes, do Módulo de Infância e Adolescência da Residência Multiprofissional de Saúde Mental da Prefeitura do Rio de Janeiro. As aulas acontecerão sempre às quintas-feiras, no período de março a junho de 2019, e serão ministradas por profissionais da Saúde, Assistência Social, Educação e por professores convidados.

O módulo tem como objetivo qualificar o trabalho na Rede de Atenção Psicossocial na área infanto-juvenil, tendo como diretriz os princípios do SUS e da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Serão abordados os temas: políticas da infância e adolescência; intersetorialidade, trabalho no território e promoção de saúde; complexidade e vulnerabilidades; e Atenção à Crise.

13ª Conferência Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

O município do Rio de Janeiro está se preparando para a 13ª Conferência Municipal de Saúde, que ocorrerá nos dias 12, 13 e 14 de abril, com o tema "Democracia e saúde" tendo como eixos "Saúde como direito", "Consolidação dos princípios do SUS" e "Financiamento adequado e suficiente para o SUS".

do SUS) no planejamento de saúde, com participação paritária dos usuários em relação aos segmentos de profissionais, gestores e prestadores de serviços.

Até o dia 23 de março, cada um dos dez conselhos distritais de Saúde terá reunido moradores, profissionais e gestores de saúde de suas respectivas áreas de planejamento para avaliar a situação da saúde, formular diretrizes e definir estratégias para o SUS na cidade, no estado e em nível nacional. As conferências debaterão questões como: as redes de atenção à saúde; qualificação da Atenção Primária; formação e integração ensino-serviço; participação popular e controle social; regulamentação das iniciativas de prevenção e promoção da saúde; direitos e responsabilidades de gestores, profissionais e usuários; políticas e estratégias de atenção às populações em situação de risco e/ou vulnerabilidade; impactos da violência na saúde; saúde mental e atenção psicossocial, entre outros. As propostas levantadas nas conferências distritais serão posteriormente apresentadas e debatidas na Conferência Municipal.

Calendário das conferências de Saúde

CAP 1.0	20 e 21 de março
CAP 2.1	14 de março
CAP 2.2	13 e 14 de fevereiro
CAP 3.1	22 e 23 de março
CAP 3.2	18 e 19 de março
CAP 3.3	8 e 9 de de março
CAP 4.0	16 de março
CAP 5.1	9 e 10 de fevereiro
CAP 5.2	22 e 23 de fevereiro
CAP 5.3	15 e 16 de fevereiro

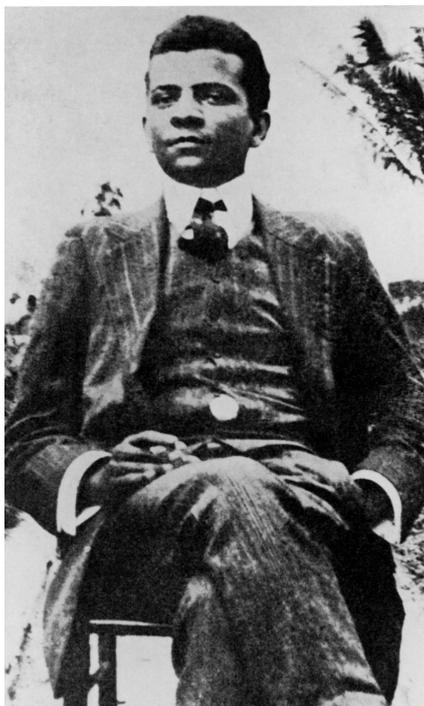
(Fonte: texto adaptado do site da Conselho Municipal de Saúde)

As conferências de Saúde são regulamentadas pela lei 8.142 de 1990, resultado do movimento democrático da Reforma Sanitária, consolidando o princípio da participação popular (previsto no artigo 196 da Constituição federal, e na Lei 8.080 de 1990 - Lei Orgânica

13ª Conferência Municipal de Saúde - 12, 13 e 14 de abril

Que CAPS é esse?

LIMA BARRETO



Afonso Henrique de Lima Barreto, escritor, cronista e jornalista, que combateu o racismo e a discriminação social e teve uma marcante trajetória na vida literária e urbana do Brasil da Primeira República. Ele foi o grande homenageado do Bloco "Tá Pirando, Pirado, Pirou", que

este ano teve como enredo "Na Terra dos Bruzundangas – Lima Barreto Visionário". Lima Barreto também dá nome ao CAPS de Bangu.

Nascido no dia 13 de maio, sete anos antes da promulgação da Lei Áurea, esse neto de escravizados viveu a transição do Império para a República no final do século XIX, no último país do mundo a abolir a escravidão. Seu pai foi tipógrafo e sua mãe professora, dona de uma escola em Laranjeiras. Viu sua vida mudar com o falecimento de sua mãe e a perda de emprego de seu pai. Muito próximo do Visconde de Ouro Preto, padrinho de Lima Barreto, seu pai contou com seu prestígio para garantir boa educação para filho. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios de Niterói e na Escola Politécnica, onde viveu claramente a marginalização por parte de uma elite escravocrata e excludente, traço marcante em sua obra. "Quem é esse escurinho com nome de rei?", ouviu certa vez de um professor em sala de aula.

Após perder seu emprego com a queda do Império, seu pai foi trabalhar como administrador da Colônia de Alienados da Ilha do Governador, local onde Lima

Barreto sempre se referiu como sua casa mais harmoniosa. No entanto, por ocasião da Revolta da Armada, seu pai começa a apresentar sinais de loucura e passa à condição de interno do manicômio.

Nessa ocasião, Lima Barreto abandonou os estudos e passou a trabalhar como funcionário público, momento em que escreve e publica seus primeiros trabalhos em literatura, sempre acompanhado de grande consumo de álcool.

Cronista mordaz da vida cotidiana do Rio de Janeiro, com sua literatura ácida e debochada, sua atitude litigiosa para com os personagens do seu tempo, foi colecionando desafetos. Lima Barreto produziu textos marcantes de crítica e sátira da sociedade brasileira como "Recordações do Escrivão Isaías Caminha", "Triste Fim de Policarpo Quaresma", "Numa e a Ninfa", "Clara dos Anjos", "O Homem que Falava Javanês", "Os Bruzundangas", entre outros. Fundador e diretor da revista literária Floreal, não teve êxito em seus empreendimentos e foi se tornando cada vez mais crítico e cada vez mais entregue ao álcool.

Por três vezes se candidatou à Academia Brasileira de Letras, sendo recusado o seu ingresso. Passou por duas internações no Hospício Nacional de Alienados na Praia Vermelha e nelas escreveu o "Diário do Hospício" e o "Cemitério dos Vivos", obra póstuma e inacabada.

Faleceu aos 41 anos em 1922, sustentando sua marginalidade em relação ao modo urbano da vida cotidiana da elite brasileira, a quem sempre foi crítico por sua insensibilidade à dor e às condições concretas de vida das pessoas mais pobres. Sua forte ligação com o subúrbio e com os trens que o conectavam ao centro da cidade se manteve presente até o fim. Embora tenha sido um grande leitor, tinha uma oposição ao que chamava de literatura da elite e até mesmo ao movimento modernista que se apresentava, sobretudo em São Paulo.